

Luana Frigulha Guisso

Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 2

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**



DIÁLOGO
EDITORIAL

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 2:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2022

Diálogos interdisciplinares 2: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2022, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Projeto gráfico e editoração
Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação
Ilvan Filho

1ª edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D537 Diálogos interdisciplinares 2: teoria e prática em
educação, ciência e tecnologia / organização Luana
Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira. -

Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -

266 p. : il. foto. color. ; 24 cm.

ISBN 978-85-92647-66-7
DOI 10.29327/564118

1. Educação. 2. Abordagem interdisciplinar do
conhecimento. I. Guisso, Luana Frigulha. II. Oliveira,
Ivana Esteves Passos de.

CDD – 370

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Apresentação

A Diálogo Editorial, em parceria com o Mestrado em Ciência Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré, respaldado por um conselho editorial representado por Doutores e Pós-Doutores, coordenou a editoração desse compilado de dissertações acadêmico-profissionais, implementadas, por docentes e discentes, em diversas áreas do saber, no intuito de propiciar a perpetuação da consolidação dos conhecimentos construídos em investigações na perspectiva transversal das ciências, tecnologia e educação.

O e-book reúne elementos teóricos sobre as áreas supracitadas, e lança foco nas ferramentas criadas durante o processo de investigação, na confluência da prática com a teoria, as quais consolidam novas metodologias e inovação tecnológica, na premissa da criação de caminhos criativos, inovadores e sistematizados pela valorização das tradições e da cultura.

O e-book “Diálogos Interdisciplinares 2: teoria e prática em educação, ciência e tecnologia” apresenta um trabalho incansável de pesquisa desenvolvido pelos alunos e orientadores do curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré.

É importante ressaltar que a leitura de tal compilado é um convite para quem deseja expandir seus estudos em contextos de interdisciplinaridade em Educação, Saúde e História, bem como compreender um pouco mais sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, a educação quilombola, o papel da escola na promoção de uma alimentação saudável, o desinteresse escolar, professores de educação física e as redes de diálogos, práticas de convivência e fortalecimento de vínculos com grupos de gestantes, entre outros temas que estão disponíveis.

É preponderante ressaltar que esta coletânea tem a sua tessitura resultante de investigações sobre práticas do cotidiano escolar, escritas sob o olhar contemplativo, observador e reflexivo, o qual alimenta reflexões, que vencem, na obstinação de seus autores, os muros das escolas, reverberando nas comunidades, para buscar ganhar notoriedade e inspirar outros estudos.

***Dra. Luana Frigulha Guisso e
Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira***

Sumário

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA “ORCI BATALHA” DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	08
Cláudia Márcia Corrêa de Jesus e André Luis Lima Nogueira	
CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES LÚDICAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	26
Cristiely Monteiro da Silva e Luana Frigulha Guisso	
O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DE UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA EMEF PLURIDOCENTE JIBOIA DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	41
Daniele Alves Mesquita e Daniel Rodrigues Silva	
DESINTERESSE ESCOLAR DE ESTUDANTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM PROBLEMA A SER ENFRENTADO PELA ESCOLA E A FAMÍLIA	63
Dilméia Fernandes Pacheco da Silva e Nilda da Silva Pereira	
PRÁTICA DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS COM GRUPOS DE GESTANTES DO CRAS DE PRESIDENTE KENNEDY	85
Elisangela Moraes Ayres e Daniel Rodrigues Silva	
COLABORAÇÃO ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA VIA REDES DE DIÁLOGOS	103
José Rodrigo Brioli Polonini e José Roberto Gonçalves de Abreu	
ENTENDENDO A DISFUNÇÃO ERÉTIL MASCULINA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	129
Josima Lima Oliveira e Daniel Rodrigues Silva	

O IMPACTO DAS RECEITAS DOS ROYALTIES DO PETRÓLEO SOBRE OS INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	144
Leandra Fontana Tonon	
A ATUAÇÃO DAS ESCOLAS NA DETECÇÃO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS	160
Leidiane Chaves da Cruz e Luciana Teles Moura	
A REALIDADE DA SÍFILIS EM GESTANTES DO ESPÍRITO SANTO E AS IMPLICAÇÕES TRAZIDAS PARA O EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM	174
Lusiane Lima Oliveira e Luciana Barbosa Firmes Marinato	
A HISTÓRIA NOSSA DE CADA DIA: PRESIDENTE KENNEDY 1964- 2019, NA VISÃO DOS ALUNOS DA EJA	185
Milene da Silva Rodrigues Carvalho e Sebastião Pimentel Franco	
O ENSINO DE HISTÓRIA E A ATUAÇÃO DO DOCENTE: PRINCIPAIS ABORDAGENS SOBRE O ESTUDO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	200
Poliana Nicoli Fontana e Luana Frigulha Guisso	
CONTRIBUIÇÕES DO FISIOTERAPEUTA NO TRABALHO DOS CUIDADORES DE ALUNOS COM PARALISIA CEREBRAL NO MUNICÍPIO DE MUQUI-ES	213
Sirlene de Oliveira Mario Inacio e José Roberto Gonçalves de Abreu	
MARKETING DIGITAL EM MICROS E PEQUENAS EMPRESAS	227
Thiago Coelho Scherrer de Souza e Sara Dousseau Arantes	
IMPACTOS DOS ESPAÇOS PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I	245
Urbano da Silva Batista e Juliana Cassani Martins	
OS AUTORES	262

IMPACTOS DOS ESPAÇOS PARA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Urbano da Silva Batista
Juliana Cassani Martins

INTRODUÇÃO

A educação vem passando por inúmeras evoluções desde que o mundo se originou. Evoluções essas que merecem destaque para que ocorra em ensino de qualidade e que seja significativo para o aluno. Por isso, estabelecer e criar um espaço atraente pode facilitar no processo de aprendizagem do aluno de forma que seja leve, divertido e até mesmo diversificado.

O tema em questão se correlaciona com percurso de trabalho do pesquisador, pois em sua prática escolar os espaços físicos para as aulas de educação física (EF), por vezes, não eram considerados importantes para o desenvolvimento das aulas. A sua prática se pauta em uma didática que perpassava o desenvolvimento dos alunos visando suas particularidades e potencialidades.

Por outro lado, a falta de um espaço apropriado e específico para o planejamento e desenvolvimento das aulas faz com que o exercício seja adaptado para dentro de sala de aula ou então, seja totalmente modificado, por não haver um espaço adequado para realização do planejamento.

Por isso, considera-se que o espaço físico tem sua importância e merece destaque no desenvolvimento das aulas, uma vez que, pode propor grandes significações e promovem um desenvolvimento prazeroso para os discentes. Durante sua prática profissional, pode-se perceber que a falta de espaço deixava as crianças intimidadas, pois ao se propor algumas atividades os alunos também tinham que lidar com as adaptações e mudanças que se fazia necessária.

À vista disso, é importante que o professor de educação física consiga criar espaços de aprendizagem de forma ativa e que seja significativa para os discentes. Sendo assim, a escolha do ambiente é extremamente necessária no auxílio da promoção no ensino. Em supra, vale ressaltar que ao se dispor um espaço físico na instituição de ensino, este pode contribuir ativamente para a criação de um espaço socioeducacional que proporcione um ensino atual e significativo nas aulas de educação física no ensino fundamental I.

Diante disso foi necessário realizar um estudo teórico que fundamentam o tema sobre o os impactos da falta do espaço físico para as aulas de educação física e para nortear a pesquisa, bem como fomentar uma discussão assídua sobre as objetividades relacionadas ao tema proposto, com ênfase a falta de espaços adequados, físicos e específicos para as aulas de educação física interferiam em seu desenvolvimento. O estudo ainda tende abordar como a arquitetura pode influenciar as aulas de educação física visando um desenvolvimento amplo e significativo dos discentes a fim de desenvolver aspetos reflexivos, a intencionalidade e a criticidade.

ARQUITETURA ESCOLAR NA HISTÓRIA

Em relação às construções que se localizam na paisagem urbana, o prédio escolar é apresenta um maior discurso de civilização e maior facilidade em suas relações com a historicidade da educação nacional. A arquitetura relaciona-se com tudo que será abordado dentro daquele espaço, desde a linguagem, sentimentos até os sentimentos diversos. Por isso, entende-se que a arquitetura escolar está ligada com a história e os principais acontecimentos, como também, suas relações com a educação (BENCOSTTA, 2007).

Nesse âmbito Souza (2007) afirma que toda a cultura escolar necessita de um estudo refinado acerca dos espaços físicos, artefatos e arquitetura adequada que comporá e/ou compõe a instituição de ensino. Dessa maneira, é importante realizar uma análise em que se apresente, discuta e identifique claramente como as formas de arquitetura influenciam e se guiam no ambiente histórico-social na evolução da história.

Compreende-se por espaço físico toda a construção material, já o espaço arquitetural escolar pode ser caracterizado por um espaço em que se constroem experiências de modo subjetivo e objetivo. É o local em que ocorre a formalização dos planejamentos e das idealizações por parte dos ocupantes e idealizadores. Caracteriza-se também por ser um espaço em que são apresentadas diversas abordagens culturais e conceituais como arte, ciência, cálculo, expressão e representação (KOWALTOWSKI, 2011).

A releitura da educação em seus aspectos históricos na humanidade merece destaque, uma vez que, enfrenta impactos gradativos em todo âmbito escolar inclusive no território nacional. Por isso, conhecer como o ambiente e o espaço escolar, bem como a estruturação da arquitetura e suas evoluções é importante para manter o desempenho dos alunos e conseqüentemente contribuir para seu desenvolvimento. De acordo com Kowaltowski (2011),

A evolução da arquitetura escolar está diretamente ligada a história da humanidade. Formalmente, a instituição escolar definiu-se a partir da revolução industrial, que trouxe novas demandas de organização social, entre as quais a necessidade de formalizar o ambiente de ensino (KOWALTOWSKI, 2011, p. 64).

Com a análise e em estudos primórdios que se relaciona com a história, a arquitetura escolar passou por grandes evoluções e transformações que merecem destaque. Dessa forma, contata-se que na Antiguidade não havia um espaço e/ou arquitetura própria para o atendimento dos alunos, sendo assim, o ensino era ministrado pelos pais ou pelos escribas. De acordo com Melatti (2004) todo esse ensino acontecia em um pátio aberto para que fosse possível “vigiar” o aluno.

ARQUITETURA E FORMA ESCOLAR NA ATUALIDADE

O ato de ensinar passa por constantes evoluções que perpassam a humanidade e se desenvolve buscando atingir cada povo e cada cultura a seu

modo. Essas alterações que vão acompanhando as evoluções e transformações do mundo chegam aos espaços escolares e também a ambientes a “fora”. Muitas famílias educam seus filhos em casa, todavia, com as transformações em rumo acelerado, o ambiente escolar tem sido a principal forma de ensino e os professores os educadores.

Por essa razão, Kowaltowski (2011) afirma que uma boa ou má arquitetura escolar pode influenciar diretamente no processo de ensino aprendizagem dos alunos, bem como, em seu desempenho escolar. Por isso um planejamento baseado em técnicas construtivistas, boa integração da natureza e das cores pode auxiliar positivamente na criação de um espaço adequado para a aprendizagem.

Em completude a isso, Azevedo e Bastos (2002) ressalta que recentemente,

tem havido um consenso de que o ambiente de sala de aula pode afetar atitudes e comportamentos, relacionando a qualidade do ambiente construído com a diminuição da interação social, o aumento da agressividade e a redução do grau de concentração. Ainda é bastante comum, contudo, desassociar os aspectos físicos do edifício escolar do processo de aprendizagem, negligenciando assim os mecanismos perceptivos e cognitivos da criança (AZEVEDO e BASTOS, 2002; p. 154).

Ainda há muita inquietação e discussão acerca da integração e ligação da educação com a arquitetura escolar. O que se observa em grande escala é que muitos profissionais não preparam e planejam as aulas considerando o espaço físico que a instituição escolar apresenta, pois essa didática formativa não fez parte de seu contexto de formação. Por isso, Andrade (2006) afirma que o espaço físico deve ser considerado uma peça articulosa e fundamental que está inserido no currículo, uma vez que traz em práticas cotidianas maneiras de se apresentar as práticas culturais, sociais e educacionais. Assim sendo, para a autora “o espaço pode ser considerado uma matriz porque possui o poder de gerar, através de suas transformações, novos modos de vida e de relações” (ANDRADE, 2006).

O espaço físico escolar é constituído por ser um elemento indispensável para o processo de ensino aprendizagem dos discentes. Por isso, é importante que o projeto da arquitetura seja pensado, planejado e organizado para que assim esse espaço possa contribuir para o desenvolvimento do aprendizado dos alunos. Sobretudo, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases Curriculares da educação brasileira (LDB, lei 9.394 de 1996) afirma que o Estado deve garantir “padrões mínimos de qualidade de ensino definido como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem” (Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999).

O contexto de sala de aula deve ser priorizado e planejado para atender as necessidades ocorrentes e destacadas no âmbito educacional e deve estar em concordância com a disposição do espaço físico. Quando se baseia na arquitetura escolar consegue-se planejar a partir das construções dispostas o que pode ser adaptado para os contextos das aulas de sala, bem como, é possível prever o método educacional que o docente adotará em sua dinâmica e em suas práticas pedagógicas. Sobre tal direcionamento Kowaloeski (2011) afirma que “[...] o ensino é mais fácil com uma boa arquitetura do que um prédio de pouca qualidade arquitetônica. Essas tendências na arquitetura escolar caminham paralelamente as mudanças no ensino” (KOWALTOESKI, 2011).

O espaço físico não é somente um local que é utilizado para ministrar aulas, mas sim age como uma forma silenciosa de ensinar. A arquitetura do ambiente escolar destaca e institui uma materialidade de valores que perpassam e estão inseridos no ambiente escolar. Por isso que, ao se planejar um projeto de construção escolar deve-se estar equiparado a diversos fatores.

É importante que seja realizado um direcionamento, articulação e comunicação entre os profissionais da instituição escolar, como também, informações sobre o projeto. Vale-se também de projetos complementares que fazem parte do projeto de arquitetura, como o estrutural, hidráulico e o paisagismo entre outros.

Em completude, Horn (2004) afirma que

é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado (HORN, 2004, p. 28).

Por outro lado, para que o projeto arquitetônico atende as objetividades da instituição de ensino devem-se levar em consideração as particularidades de cada escola, pois possui demandas educacionais específicas, bem como necessidades locais e legislações relacionadas à educação. Diante disso, Kowaltowski (2011) afirma que o planejamento das edificações apresenta-se como uma das etapas mais complexas do projeto e, portanto, pauta-se nas indicações qualitativas que se pretende alcançar com o projeto. Por isso que a criação de um programa que liste e apresente as necessidades da construção pode contribuir para a construção de significados e suas relações no ambiente escolar.

O autor complementa ainda que a metodologia do projeto arquitetônico da escola pode direcionar as tomadas de decisão que se terá no ambiente escolar. Quando há a valorização do espaço físico consegue-se planejar e estipular como cada ambiente pode ser utilizado a fim de atender o que foi proposto para a anuência das necessidades, objetividades e particularidades dos sujeitos.

A complexidade do projeto escolar tem como base, em primeiro lugar, o dinamismo da própria educação e seus métodos pedagógicos que demandam constante atualização dos programas arquitetônicos para abrigarem adequadamente as atividades de ensino. Projeta-se um futuro desconhecido com uma rápida obsolescência tecnológica e com o conhecimento em constante revisão. Os alunos devem ser preparados para estas incertezas. A complexidade também se apresenta pelos usuários diversos que a

escola abriga: alunos de idades variadas e em etapas de desenvolvimento diferentes, professores, funcionários, pais e membros da comunidade que frequentam a escola. Cada ano entram novos integrantes, que são desconhecidos e que também desconhecem a escola. Cada ano, também, usuários deixam de frequentar a escola, porque cresceram e se formaram para enfrentarem novas etapas de vida (KOWALTOWSKI, 2012; p.1).

Os aspectos supracitados são relevantes para o processo de ensino aprendizagem, dessa forma, dispor de um ambiente que tenha conforto, funcionalidade, seja sustentável e apresente com a cultura local bem determinada são pontos que devem fazer parte do projeto arquitetônico da escola, uma vez que estão diretamente relacionados com a construção de identidade, sensações, afetividades e na intencionalidade dos discentes.

Em concordância a isso Elali (2003) afirma que alguns fatores são importantes

[...] dar maior atenção às características sócio-físicas dos ambientes e às relações entre estes e as crianças, garantindo a ela oportunidades de contato com espaços variados, tanto construídos pelo homem quanto naturais, é uma maneira de proporcionar à infância condições plenas de desenvolvimento, gerando a consciência de si e do entorno que são provenientes da riqueza experiencial (ELALI, 2003; p.311).

Se valida nesse contexto a relevância que o espaço físico possui com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Assim ao se considerar a arquitetura escolar como um programa, definido por Vieira (2000) deve-se ainda levar em consideração, que a arquitetura se define como um programa que relaciona diretamente com a disciplina, cultura, ideologias que a aprendizagem apresenta.

Por essa razão que, valorizar o programa das necessidades escolares, propor soluções possíveis para os problemas originários, adotando uma característica participativa e com diálogos é uma alternativa que poderá enriquecer e viabilizar todo o processo do projeto de arquitetura escolar da atualidade.

OS ESPAÇOS FÍSICOS PARA AS AULAS DE EF NA ATUALIDADE

A Educação Física tem um papel importante, pois contribui para a formação da criança dos anos iniciais até dos anos finais, melhorando seu conhecimento e sua relação com o ambiente e o mundo que fazem parte. Através das brincadeiras, jogos e dinâmicas nas aulas, o sujeito acaba explorando seu corpo, interage com outros corpos e desenvolve também seu crescimento cognitivo e motor, bem como, sua percepção crítica, reflexiva e autônoma.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018),

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (BNCC, 2018; p. 213).

Em completude, Piaget (1983) apud Catunda (2005, p.46) declara que “toda a bagagem cognitiva é estruturada através da ação sobre o objeto de conhecimento”.

O brincar é capaz de apresentar, de maneira resumida como ferramenta competente, vias para o desenvolvimento dos aspectos da formação do humano, como a cognição, afetividade, amadurecimento psicológico e motricidade (CATUNDA, 2005; p. 18).

Para Gallahue (2005) deve ser empregada uma abordagem em que inúmeras experiências sejam incorporadas, a partir das várias modalidades sensoriais. Quando se impedi uma criança de brincar, estamos impedindo sua liberdade e aprendizagem, pois através das brincadeiras temos espaço para aprender.

Ao se pensar em nas aulas educação física, tudo o que é trabalho e desenvolvido proporciona interações participativas, para isso a BNCC (2018) complementa afirmando:

Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos. (BNCC, 2018; p. 220)

E segue destacando:

as características dos conhecimentos e das experiências próprias da Educação Física, é importante que cada dimensão seja sempre abordada de modo integrado com as outras, levando-se em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva. Assim, não é possível operar como se as dimensões pudessem ser tratadas de forma isolada ou sobreposta. (BNCC, 2018; p. 222)

Quando a criança inicia sua vida escolar, começa a ter acesso a conhecimentos científicos, conceitos de forma planejada, elaborada e significativa dentro de um contexto sociocultural. A importância do educar dentro de um contexto pedagógico que contribua com o desenvolvimento da criança desde cedo é ressaltada por vários autores como, Freire (2009). Por isso as aulas de educação física devem atender as necessidades e particularidades dos alunos.

Apesar de muitas vezes ser considerada um momento de descontração, a Educação Física tem toda uma grade curricular e funções a serem seguidas. O

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, não restringe o ensino das atividades físicas somente voltadas para habilidades motoras e fundamentos esportivos, ele inclui conteúdos sobre conceitos de regras, táticas, desempenho, eficiência, satisfação entre outros. Deve-se observar que ao trabalhar esses conteúdos, o professor se baseia na vivência concreta dos alunos o que constrói uma postura de responsabilidade perante um e outro aluno, fazendo com que esse aluno adquira maior autonomia para aprender a aprender.

Além do que, para o PCN, o professor deve buscar meios que garantam a vivência prática da experiência corporal, onde deve incluir o aluno em suas propostas de ensino e aprendizagem baseando-se em sua realidade social e pessoal, assim, pode-se compor um ambiente de aprendizagem significativa, que faça sentido para o aluno, onde ela possa fazer suas escolhas, trocar informações e construir hipóteses na tentativa de respondê-las.

O que se percebe unindo todos os ensinamentos propostos pela Educação Física, sua principal função é estimular e incentivar as crianças desde cedo à prática de esportes, movimentar-se, dançar para dispor um desenvolvimento amplo e significativo, pois as atividades físicas contribuem para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e comportamentais.

Inicialmente a escola era vista como um lugar de cultura, aonde se ia tão somente para adquirir conhecimento. O uso dos esportes era só um meio educacional deixando de lado todas as outras possibilidades de se trabalhar a educação física, exemplo, o trabalho cooperativo inclusivo e do sentimento de grupo (BRACHT, 1992).

A Educação Física escolar nas últimas décadas assumiu identidades diferentes, com diferentes objetivos. Hoje a EF assumiu uma abordagem sócioconstrutivista, isso porque o aluno desempenha papel ativo na construção do seu próprio conhecimento referente à motricidade e a sua intencionalidade.

Então, tornar o ensino significativo é um dos objetivos da escola que vem sendo pautado também nas aulas de EF pela BNCC (2018):

a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas. Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes (BNCC, 2018; p.224).

Sobretudo, vale ressaltar que o espaço escolar deve ser considerado pelo docente com um subsídio para seu fazer, uma complementação do seu planejamento e não se tornar um empecilho no momento das aulas. Por isso, o pesquisador aborda em seu estudo:

Os espaços físicos não devem ser caracterizados somente por quadras, ao contrário, poderia se perguntar: nós professores não podemos utilizar a sala de aula, auditórios, bibliotecas, ou espaços além da escola? É importante a utilização de locais que priorizem o aprendizado, experiências e sensações (CUNHA, 2016; p.22).

Dessa forma, o espaço escolar funciona como um ambiente que possibilita integrar os alunos, professores e que relaciona e realiza atividades que proporcionam o desenvolvimento do ensino aprendizagem. Assim, a escola deixa de ser somente um espaço físico e material e passa a ser um local em que as aprendizagens acontecem envolvendo relações sociais na formação dos sujeitos.

Por isso, o professor de educação física deve reconhecer a necessidade de seus alunos para assim equipar as escolas com materiais e instrumentos nos espaços, bem como, a manutenção das instalações que são necessárias para o desenvolvimento das aulas de EF.

Em suma, ao se destacar a importância do espaço físico para as aulas de educação física, é preciso compreender que seu objetivo de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018) é

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BNCC, 2018; p. 213).

Sobretudo, é importante que se estabeleça as relações com que os espaços físicos têm com as práticas pedagógicas e com as objetividades da disciplina proposto e descrito pela BNCC, por isso, na atualidade, as construções e arquitetura devem propor um ambiente que seja instigante e que apresente recursos pedagógicos didáticos que possam atender as necessidades, particularidades e objetividades dos alunos.

À vista disso, é importante destacar que a escola sendo considerada um espaço em que prioriza a cultura e as relações, deve se atender a uma arquitetura que garanta a transmissão de conteúdos. Nesse cenário, Dámazio e Silva (2008) declaram que ao se deparar com um espaço que não tende as particularidades e necessidades, existem duas razões que se justificam: a desvalorização da disciplina e a não importância dada pelas autoridades.

Ao viabilizar a materialidade dos locais adequados e da arquitetura necessária para as aulas e educação física é importante que os órgãos federativos garantam a qualidade mínima necessária para o desenvolvimento da aprendizagem e do ensino no ambiente educacional, por isso os espaços físicos devem atender essas particularidades. Em completude a isso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica afirmam:

Há necessidade de uma infraestrutura e de formas de funcionamento da instituição que garantam ao espaço físico a adequada conservação, acessibilidade, estética, ventilação, insolação, luminosidade, acústica, higiene, segurança e dimensões em relação ao tamanho dos grupos e ao tipo de atividades realizadas (BRASIL, 2013; p. 91).

Uma estrutura não adequada pode interferir diretamente no trabalho dos docentes, pois os espaços e condições físicas são importantes para a concretização de um trabalho. Mesmo que ele seja criativo e faça as adaptações necessárias, podem ocorrer falhas, pois o espaço tem ligação íntegra e duradoura no processo de ensino aprendizagem das aulas de educação física (DAMAZIO e SILVA, 2008).

Os espaços e as condições disponíveis merecem ser adaptadas, reinventadas e criadas no nosso entendimento. Dependendo da concepção de ensino e da perspectiva curricular adotadas pelo professor, espaços alternativos e obstáculos podem se transformar em recursos para possibilitar a criatividade, a inovação e a construção de práticas diversificadas (DAMAZIO e SILVA, 2008; p. 144).

O espaço escolar deve ser encarado como um aliado dos docentes, bem como, deve buscar qualidade e estar com os direitos instituídos e justificados por documentos oficiais que embasam a educação. Já os espaços para as aulas de educação física devem ser pautados em ambientes que não priorizem somente as quadras, mas também, as salas de aula, bibliotecas ou espaços além da escola. É relevante para o ensino que seja utilizado os ambientes e locais que priorizem o ensino e aprendizagem, bem como as sensações e experiências.

Sobre tal colocação Matos (2007) afirma:

[...] os espaços físicos nas escolas devem ser focados numa Educação Física libertadora, não podemos considerar que uma simples quadra poliesportiva pode suprir todas nossas necessidades. Pelo contrário,

a visão de um espaço como este tende a nos alienar e concluirmos que apenas isso nos basta. Dessa forma, tenderemos a aplicar aulas tecnicistas e reprodutivistas, voltada apenas para a esportivização (MATOS, 2007; p.03).

Assim como deve haver um espaço físico em que as aulas de EF ocorram, deve haver também um planejamento da arquitetura escolar para que as aulas de educação física também aconteçam em ar livre ou em outros ambientes. Por outro lado, há uma problemática envolvendo os espaços físicos nas escolas, como a associação pura da disciplina somente com o esporte, então quando não se tem um espaço ou uma bola, a aula termina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da Educação Física nos primeiros anos da Educação Básica determina para o professor, talvez, uma quebra na sua acomodação, em relação as suas concepções sobre a Educação Física, o trabalho com essa faixa etária exige do professor, que, acostumado ou treinado a objetivar nas suas aulas o desenvolvimento de práticas desportivas, uma perspectiva diferenciada na maneira de trabalhar com o movimento.

Isto posto, os estudos apontaram que os professores devem deixar os estigmas tradicionais de sala de aula e atuar de forma atual, planejando as aulas de acordo com as necessidades e particularidades dos alunos e do lugar, bem como, adequando essas objetividades com as características do espaço disposto e disponível na instituição de ensino.

No entanto, é preciso que o professor de EF esteja ciente das dificuldades e desafios que enfrentará em relação aos espaços disponibilizados pelas escolas para suas aulas.

Dessa forma o professor deve planejar e pensar em uma aula que seja atual e não se volte somente a fins competitivos, mas sim em um desenvolvi-

mento de forma ativa e significativa. Para tal, é importante que o docente consiga prever e planejar adequando as particularidades dos alunos com os espaços dispostos na instituição de ensino, pois assim, cria-se a dinamismo relacionado com prática e com o conteúdo.

Os docentes são a base da educação, é por meio dele que se mediam os conteúdos para com os alunos. Sobretudo, quando se objetiva desenvolver uma intencionalidade, criticidade e aspectos reflexivos nos discentes, deve-se compreender toda totalidade que abarca o contexto em que os discentes estão inseridos e envolvidos.

O estudo bibliográfico revelou que é visível o fato de que, tais aspectos acima destacados refletem uma visão praticamente uniforme dos professores de EF sobre o atual cenário de preocupação dos profissionais da EF pelos espaços e condições de trabalho disponibilizadas para suas aulas. Deparam-se com uma nova realidade, com um novo desafio, com uma turma de crianças com outras vivências corporais, com diferenciadas necessidades para o seu desenvolvimento psicomotor. Enquanto professores de Educação Física, competentes e comprometidos, devem adaptar-se a as novas “condições” para que possam exercer o papel de educadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. **Escola como espaço narrativo, ou não**: um estudo em representações sociais. UFMT. Tese de Doutorado. Área de concentração: Psicologia da Educação. 2006.

AZEVEDO, G. A. N; BASTOS, LEOPOLDO, Eurico. Qualidade de vidas nas escolas: produção de uma arquitetura fundamentada na interação usuário-ambiente. In: DEL RIO, Vicente, et al. (Org.). **Projeto do lugar**: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. P. 153-160.

BENCOSTTA, M. L. A. **Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928)**. Educar, Curitiba, n. 18, p. 103-141. 2001. Editora da UFPR.

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013.

CATUNDA, R. **Brincar, criar, vivenciar na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CUNHA, R. A. **O uso de espaços externos nas aulas de educação física além dos espaços típicos da escola**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/TCC%20Rafael.pdf?sequence=1>. Acesso em 2021.

DAMAZIO, M. S. SILVA, M. F. P. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão: Pensar a prática. **Revista Pensar é prática**, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/3590/4098>. Acesso em: 18 mar. 2021.

ELALI, G. V. M. A. O ambiente da escola: uma discussão sobre a relação escola – natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia**. Natal, RN, v.8(2), n, 1, pp.309-319, 2003.

FREIRE, J. B.; **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. 196 f. 1ª ed. São Paulo: Scipione. 2009.

GALLAHUE, D; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2005.

HORN, M. G. S. (2004). Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed.

MATOS, M. C. **Espaço Físico Escolar: Objeto Indispensável Para A Educação Física?** 2007. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/espaco-fisico-escolarobjeto-indispensavel-paraeducacao-fisica/>. Acesso em 2021.

MELATTI, S. P. D. P. C. **A arquitetura escolar e a prática pedagógica**. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina (Centro de Ciências Tecnológicas), Joinville – SC. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?Arquivo=277>. Acesso em 2021.

VIEIRA, A. L. M. **Produções de espaço: tempo no cotidiano Escolar**. Um estudo das marcas e territórios na Educação Infantil. UNICAMP- Campinas. Mestrado em Educação. Orientador Profa. Dra. Corinta Maria Grisolia Geraldi. 2000.

KOWALTOWSKI, D. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino**. 1. ed. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.